

Miliários da Geira: informação e propaganda

José d'ENCARNAÇÃO*

Resumo:

Analisa-se a localização dos miliários na via romana, a sua função informativa e de propaganda. Propõe-se, também, uma interpretação para o modo como as inscrições eram gravadas nos miliários.

Abstract:

In this paper the author analyses roman milestones, their location and function as reflected by the information given and propaganda attempted. There is also an attempt to interpret the manner in which the inscriptions were engraved on the milestones.

Palavras-chave:

Miliários; Informação; Propaganda; Ordenamento do texto e seu posicionamento nos miliários; Localização dos marcos ao longo da via.

Key words:

Milestones; Information; Propagands; The place of the inscription on the milestones; The place of the milestones in the roman road.

O que é um miliário? Pretendo, com esta brevíssima reflexão, ir um pouco mais além da mera definição.

Fisicamente, um miliário distingue-se dos demais monumentos epigráficos pela sua forma semicilíndrica e pelo seu conteúdo textual ímpar, constituído pela identificação do imperador em cujo reinado a via foi rasgada ou melhorada (o uso da primeira pessoa – *fecit, refecit* – significa maior empenho do poder central), e pela indicação do número de milhas que o local dista da cidade de origem da via.

Onde se colocava o miliário?

Hoje, infelizmente, boa parte dos miliários não estão *in situ* ou mesmo nas proximidades dele: a sua utilização como coluna foi constante ao longo dos séculos e, mesmo na Geira, a sua transformação em pedestal de cruzeiros é evidente. Mas o mais natural é que, originalmente, o miliário tivesse sido colocado do lado esquerdo da via em relação ao sentido principal, entendendo por este o sentido da periferia para o centro.

Informação e propaganda constituirão, sem dúvida, os dois motivos principais da colocação de miliários. Não são, necessariamente, os únicos meios de informação; estamos em crer que também nas penedias que bordejavam as estradas se podiam ter colocado informações úteis ao

* Universidade de Coimbra.

viandante. Mas o que particularmente ora nos interessa sublinhar é que os Romanos dispuseram essa informação de molde a que ela fosse lida. Daí, a forma do miliário, a posição e a paginação da epígrafe.

A FORMA

Coube a Giancarlo Susini a primeira explicitação clara da relação entre o leitor e a epígrafe num pequeno – mas assaz significativo – texto intitulado *Compitare per via* (*Antropologia del lettore antico: meglio, del lettore romano*), inserido numa publicação da Universidade de Bolonha, em 1988 (*Alma Mater Studiorum*, 1988, I, 1, 105-124). Recorde-se que *compitare* significa «ir ao encontro», «topar»; e que as *Compitalia* eram as festas em honra dos deuses Lares das encruzilhadas.

Ao caminhante, mesmo que saboreie a paisagem, interessa fundamentalmente chegar ao seu destino. Tem pressa habitual. Talvez por isso, escreve Giancarlo Susini, é que as «inscrições miliárias se estendiam quase todas sobre superfícies semicilíndricas, isto é, de molde a serem facilmente lidas a cavalo ou de cima do carro sem afrouxar a marcha» (p. 108).

Numa outra nota, inserida no volume *Tecnica Stradale Romana* (pp. 119-121) e intitulada «Per una classificazione delle iscrizioni itinerarie», Giancarlo Susini sublinha a importância do comportamento do leitor, comportamento condicionado pela cultura que tem, pela pressa que leva no momento, pelas suas necessidades, pelo modo de locomoção (a pé, a cavalo, num veículo) e também pela visibilidade, consistência e colocação do texto.

A forma é, pois, importante e não admira que o «padrão dos povos» de Chaves esteja, pois, ligado de preferência a uma obra viária, como recentemente sublinhei (in *Humanitas*, 46, 1994, 223), na esteira do que afirmara Jorge Alarcão; e daí que *C. Fabius Viator* – quer *viator* seja, ou não, um cognome formado a partir da sua ocupação – tenha escolhido a forma cilíndrica para homenagear Tabú dico, a divindade indígena da sua devoção (cf. José d'Encarnação, *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*, Lisboa, 1975, pp. 274-276).

A POSIÇÃO

À altura dos olhos. Mesmo hoje, é fácil verificar que – para os que não dispõem de base moldada – há, nos miliários, uma parte menos alisada que se destinava a ser enterrada no solo.

A PAGINAÇÃO

Aqui está um aspecto – creio – totalmente novo, inédito. Notara-se, nalguns miliários da Geira, que eles não obedeciam a uma paginação no sentido próprio do termo; não estavam alinhados nem à direita nem à esquerda, não obedeciam a um eixo de simetria. Curiosamente, a respeito dum deles, que está no Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães (é o n.º 79 do *Catálogo*), chegou a escrever Justino Mendes de Almeida:

«A característica curiosa de esta inscrição conter grandes espaços em branco entre algumas palavras, referida pelo Sr. Coronel Mário Cardozo, explico-a pela existência de demasiado campo para um texto relativamente pequeno» (in *Revista de Guimarães*, 77, 1967, 313).

Uma observação mais atenta dos miliários que estão no Museu dos Biscainhos, em Braga, pode, porém, levar-nos a outra conclusão, na sequência do que atrás se disse acerca da necessidade de o transeunte, apressado, lograr, dum só relance, captar o essencial. E, na verdade, o essencial encontra-se, nos bons exemplares, grafado precisamente no eixo da inscrição perpendicular à via:

- o principal nome do imperador (aquele por que é habitualmente conhecido);
- o número do poder tribunício (como elemento fundamental de datação);
- o número das milhas.

Tem-se perguntado se os miliários se haviam de pôr em todas as milhas. Parece-nos evidente que não. E se alguma comparação podemos fazer com a actualidade, ela prende-se mais com as placas toponímicas, que só de vez em quando aparecem, do que com os marcos quilométricos – como também sabemos já que as vias romanas não eram pavimentadas em toda a sua extensão.

Neste aspecto, a Geira ocupa, todavia, um lugar à parte, dada a excepcional quantidade de miliários nela implantada.

Essa quantidade prende-se, em meu entender, com duas razões: uma de ordem geológica, a outra de ordem cronológica. Geologicamente, a zona é rica em granito, os miliários eram de fácil obtenção.

(Permita-se-me aqui um parêntese para assinalar que os letrados deviam ser pintados – com ou sem gravação prévia. Não se tem dado, até agora, grande importância à pintura das letras; mas ela seria, sem dúvida, imprescindível, tal como o é ainda hoje).

A abundância de matéria-prima possibilitou, ainda, a ocorrência de vários miliários a assinalar a mesma milha.

Mas esse facto prende-se directamente, a meu ver, com a segunda função do miliário:

A PROPAGANDA

Exerce o miliário aquilo que Giancarlo Susini designou, com rara acuidade, a «pedagogia do poder».

A ideia não é nova e o primeiro – que eu saiba – a proclamá-la foi Pierre Salama, nomeadamente em relação aos miliários de África:

- a) a ocorrência do nome do imperador em dativo;
- b) a presença de mais do que um miliário no mesmo local, dedicados a imperadores diferentes;
- c) a ausência da indicação de milhas.

Foram as três principais razões aduzidas para que Pierre Salama sustentasse que – sobre-

tudo a partir do século III e, com mais frequência, no século IV – o miliário deixa de ter função predominantemente utilitária e passa a ser, de preferência, uma forma de as populações homenagearem o Imperador reinante.

Opôs-se-lhe vivamente Robert Étienne (*Le Culte Impérial dans la Péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*, Paris, 1974, p. 503), que se recusou a integrar os miliários no *corpus* das dedicatórias ao culto imperial.

Na verdade, a ausência de dedicante era – por exemplo – um dos fortes argumentos em desfavor da teoria.

Mas... justificar-se-ia a menção de dedicante num monumento plantado num sítio por onde passavam indígenas, cidadãos das mais variadas paragens? Não seria essa uma forma de todos se considerarem irmanados no mesmo preito de vassalagem, independentemente da *origo*, estatuto jurídico, condição?

Homenageassem o imperador no *forum* da sua cidade! – dir-se-á.

E teria, nesse final do século III, o *forum* da cidade espaço bastante para albergar condignamente mais uma epígrafe? E – por outro lado – seria ainda o *forum*, nessa altura, o local de mais afluência de público, o coração da cidade, o ponto de encontro por excelência? E, nesses remotos confins do Noroeste peninsular, quantas cidades havia susceptíveis de acarinhar homenagens? Além disso, se o afloramento granítico estava ali à mão de semear; se facilmente se transportava para a berma da estrada o marco acabado de gravar – por que razão se haveria de pensar na sua deslocação, sempre dispendiosa e difícil, por montes e por vales, para a cidade próxima?

Assim, quer a iniciativa haja partido da população, quer o seu incentivador tenha sido o funcionário superintendente dos trabalhos, o certo é que, desta sorte, a cada curva da estrada (passe a expressão) o imperador estava presente.

Temos, pois, aqui uma clara intenção política, fomentadora de unidade, tão necessária numa zona particularmente «sensível»:

- a História falava da difícil guerra contra Cântabros e Astures (ter-se-ão os Romanos feito algum dia desse pesadelo?);
- as populações manifestavam uma tendência dominante para o individualismo;
- as vias eram, numa zona mineira, de grande movimento de gentes e mercadoria.

Quais os imperadores homenageados e porquê?

Esse, um dos objectivos primordiais da pesquisa a efectuar. Em momentos críticos – de sucessão, de luta intestina... – a população apressou-se a manifestar apoio a quem melhor lhe parecia servir os seus interesses. Doutras vezes, não hesitaríamos em conceber que o próprio imperador daria a entender o seu particular empenho em ser alvo duma especial manifestação de simpatia – a troco, evidentemente, dalgumas prometidas benesses.

Os miliários da Geira devem, pois, entender-se também – **se não primordialmente** – num contexto de história político-religiosa. Aliás, afigura-se-me inútil pensar que a história político-administrativa e económica do Noroeste se possa fazer sem ter em conta este importante vector.

Daqui que importe cada vez mais conhecer o contexto arqueológico original destes monumentos. Pela sua função informativa e também pela sua relevante conotação propagandística.



EXEMPLO

O miliário da milha XIII, dedicado a Adriano, actualmente exposto no jardim do Museu dos Biscainhos, pode ilustrar o que se afirma acerca da paginação: não há alinhamento nem à direita (foto 4) nem à esquerda (foto 1) nem se observa propriamente uma disposição segundo um eixo de simetria (foto 2). Na foto 3, ao invés, verifica-se que, nesse ângulo de visão, são perfeitamente legíveis, duma só vez, elementos bastantes para se deduzir: qual o imperador mencionado (HADRIA, na 1. 2); a datação, através dos números do poder tribunício (XVIII, na 1. 4) e do consulado (III, na 1. 6); a cidade a partir da qual se determinara a distância (*Bracara Augusta*: RACARA AV, na 1. 5); e essa mesma distância, na última linha: M P XIII.